

Anna McPartlin

SEMPRE QUE DIZEMOS
ADEUS

Tradução
Maria Correia

*Quinta Essência**

O casamento: segunda versão

Era a manhã do dia 1 de maio de 2006, Harri fazia trinta anos e iria casar-se nesse dia.

Na noite anterior, acordara apenas uma vez, a cantarolar «Get Me to the Church on Time». *Vou casar-me daqui a umas horas. Raios, acho que vou chorar. La, la, la la, la. Quem me dera não estar a perder o juízo.* Não permaneceu acordada por muito tempo, apenas o suficiente para um curto momento de ansiedade, para se dar ao luxo de uma lágrima ou duas, se assoar e bater com a cabeça na cabeceira de mogno da cama com o seu quadriculado de corda. *Estupor* – a cama, não o noivo, amava o noivo. Harri estava apenas nervosa. Quando o nervosismo a invadia ficava confusa ou talvez fosse ao contrário. De um modo ou de outro, o nervosismo e a confusão acabavam quase sempre num mal menor. *Não sejas tola, Harri. Tudo correrá maravilhosamente. Tudo irá correr bem. Não irás estragar nada neste dia. Vá, volta a dormir.* Obedeceu a si própria e, apesar de um pequeno galo na cabeça, conseguiu regressar aos braços de Morfeu em poucos minutos, sem grandes problemas.

– Grande dia – saudou-a o pai, no patamar das escadas, piscando-lhe o olho.

– Grande dia, pai – concordou, tímida, esfregando uma ramela particularmente teimosa no canto mais profundo e escuro do olho direito.

– Não arranques o olho, querida – avisou o pai.

– Tentarei não o fazer – respondeu, beijando-o na face barbuda enquanto ele ia, de jornal na mão, a caminho da casa de banho privativa, onde passaria aquilo a que ele chamava frequentemente uma hora bem merecida.

Pouco depois, a seguir a um banho revigorante, a mãe esperava-a no quarto com um pequeno-almoço irlandês completo, composto de torradas, chá, café e grande variedade de *croissants* e queijo.

– Bom dia, minha querida – saudou-a a mãe com um suspiro, sorridente, enquanto pousava a bandeja com o pequeno-almoço junto à janela que dava lá para baixo, para um pátio bonito empedrado e um velho carvalho.

– Bom dia, mãe – sorriu, segurando uma toalha contra o olho que acabara por magoar, apesar da promessa feita antes. Retirou então a toalha do rosto.

– Que coisa, querida, como arranjaste isso?

– Ramelas.

– Ah – retorquiu a mãe, sorrindo –, então dormiste. – Acenou com a cabeça aprovadamente. – Linda menina. Não te preocupes, querida. A Mona tratará disso. A Mona conseguiria até esconder o rabo de um babuíno num *Fiat Uno* branco.

– Oh, mãe!

A mãe riu-se. Gloria, mãe de Harri, não dizia palavras nem entrava em conversas obscenas, mas, quando isso acontecia, fazia com que a sua linguagem desregrada tivesse alguma graça. Harri juntava-se, sempre agradada quando a mãe se permitia participar no que ela considerava ser mau comportamento. Aproximou-se e sentou-se na cadeira junto à mesa que dava para o pátio empedrado e o velho carvalho. O Sol brilhava, amarelo-claro, contra um céu azul-argênteo e sem nuvens.

– Está um dia bonito – comentou, aconchegando-se no confortável roupão que a mãe lhe oferecera, seis anos antes, quando ela saíra pela primeira vez de casa para ir viver a vinte

minutos dali, no *campus* da universidade. «Compre sempre coisas de qualidade, querida», dissera Gloria. «Tudo o resto não passa de falsa economia.»

Gloria só pensava em qualidade. Tinha gostos caros e era-lhe difícil tolerar qualquer outra coisa que não fossem as melhores e mais requintadas coisas da vida. Fora educada como filha única de um próspero proprietário de terras. Houvera uma época em que os pais eram donos de um quarto da área de South Dublin. O avô de Harri morrera com quase cinquenta anos, deixando a casa para a avó e a mãe de Harri. A avó sofria de epilepsia e por essa razão Gloria nunca a deixara só. Conheceu o pai de Harri quando a casa fora um dia assaltada, no início dos anos setenta, e ele estava encarregado de investigar o crime. Apaixonaram-se rapidamente e casaram-se ao fim de um ano. O pai de Harri, Duncan, era oriundo de North Dublin e, de início, sentira-se pouco à vontade com o seu novo e próspero estilo de vida. Gloria dissera que ele era como um pato num deserto, mas o trabalho mantivera-o satisfeito e enraizado na realidade familiar protetora da sua recente vida doméstica, e assim manteve um certo equilíbrio. Também gostava da avó. Era uma senhora, mas rija como um pero, um génio no xadrez, e juntos disputavam partidas que podiam durar um mês inteiro.

Duncan entrara na polícia logo que acabara os estudos. Fazia parte de uma terceira geração de polícias e subiu de categoria rapidamente, sendo detetive com vinte e poucos anos. Trabalhara em alguns dos casos mais trágicos que a Irlanda vira. Harri interrogava-se muitas vezes sobre como teria ele conseguido deixar todos aqueles casos de terror à porta de casa. A mãe dissera-lhe um dia que ele limpava sempre os pés no tapete e, assim, abandonava o trabalho lá fora.

Harri só vira o pai chorar uma vez. Devia ter uns nove ou dez anos. Ele encontrava-se sentado à secretária no seu escritório no sótão. Harri levava nas mãos uma bandeja com o almoço

dele, por isso não batera à porta. O pai fitava uma fotografia, tinha uma mão no rosto e lágrimas nos olhos. Enfiou a fotografia no dossiê aberto sobre a secretária, fechando-o rapidamente e encostando-o ao peito e, depois, virara-se para a janela, limpando as lágrimas e esperando que ela não tivesse reparado. Em casa de Harri nunca tinham o hábito de falar sobre nada que lhes causasse desconforto. O trabalho de Duncan obrigava-o ao silêncio acerca de muitos assuntos e, assim, isso tornara-se um hábito seu. Gloria era demasiado senhora e, ao contrário da avó, demasiado frágil para qualquer género de confrontação, e a avó, quando ainda se encontrava no mundo dos vivos, não concordava em discutir fosse o que fosse que afluísse o aborrecimento. Os sentimentos, decretara ela um dia, eram algo de maçador. George e Harri haviam crescido numa casa em que o mais importante era que tudo fosse lindo. As lágrimas não tinham lugar ali e, por isso, Harri fingira que não vira o pai chorar naquele dia, mas, anos mais tarde, se fechasse os olhos, ainda conseguia ver aquelas lágrimas grossas a pingar no papel branco.

– Está uma manhã fabulosa. – Gloria sorriu e beijou a filha no alto da cabeça.

– Nunca serei capaz de comer isto tudo – retorquiu Harri, observando a quantidade ridícula de comida que tinha à frente.

– Bem sei – anuiu Gloria, indo até à outra ponta da cama e inclinando-se para de lá retirar uma caixa azul que se encontrava em baixo. – É para ti – disse, sorrindo. – Parabéns, minha querida!

– Obrigada, mãe! – Harri sorriu. Fazia trinta anos, mas ainda ficava doida com presentes. Abriu a caixa e viu um pingente lindo em *art déco*. Gloria gostava imenso de *art déco* e Harri também. Duncan costumava dizer que eram duas ervilhas da mesma vagem. Ergueu-o contra a janela. Era lindo, brilhando à luz do dia com pedras cintilantes. – Gosto imenso! – exclamou, dando um beijo à mãe.

Entretanto, George entrara no quarto e estendera-se sobre a cama antes de Harri ter acabado de beijar a mãe na cabeça.

– Então, mãe, onde está o meu presente?

– Debaixo da tua cama.

– Ah! – retorquiu ele, com um suspiro desapontado.

– O que há de mal?

– Fica dois andares abaixo.

– Não seas tão preguiçoso, querido, trata-se de escadas, não do monte Everest.

– Então, o que é?

– Não te vou dizer – respondeu Gloria, sorrindo-lhe.

– E porque não tive direito a pequeno-almoço na cama? – perguntou George, observando uma madeixa do seu cabelo.

– Porque não te vais casar. Por isso, parabéns, Chatinho. Agora, por favor, porta-te como um adulto. – Ela chamava muitas vezes Chatinho a George, e sorria enquanto o dizia, pois para dizer a verdade ainda gostava que ele se comportasse como uma criança. Fazia-a sentir-se necessária. – Os meus gémeos – sorriu. – Os dois já tão crescidos, mas, lá no fundo, serão sempre os meus bebés.

O final do seu pequeno discurso teve um toque de doce e louca velha admoestação, mas a doçura do sentimento era notória.

George levantou-se de um salto e deu um beijo na cabeça de Harri.

– Muitos parabéns, Harri!

Ela abraçou-o com força.

– Muitos parabéns, George!

Harri idolatrava o irmão gémeo. Ele era tudo o que ela não era. George conseguia ser sempre o centro das atenções em qualquer sala onde estivesse, enquanto Harri só seria encontrada num canto. Era aventureiro, viajara por todo o mundo,

passara verões inteiros em sítios com neve e invernos ao sol. Fazia *surf*, mergulho e esquiava muito bem. Gostava imenso de praticar parapente e andava a pensar tirar o brevê de piloto de helicóptero. Harri não tinha uma natureza aventureira. Não conseguira afastar-se mais longe do que vinte minutos da casa dos pais. O sol quente causava-lhe insolações e, na única vez em que esquiara, acabara por partir um pulso. Ele era do tipo atlético, ela gostava de livros. Ele era barulhento, ela muito sossegada. Ele era um *playboy*, ela muito trabalhadora. Ele era *gay*, ela era heterossexual. Nem sequer eram parecidos, com exceção de terem ambos basta cabeleira castanha e ondulada. Ele era alto, ela de estatura mediana. George era corpulento, ela pequenina. Ele possuía um rosto quadrado e Harri um rosto ovalado. Eram tão diferentes em tantos aspetos, e, no entanto, não precisavam de usar as palavras como os outros. Compreendiam-se. Conheciam-se. George saltaria de qualquer ponte pela irmã. Os gémeos Ryan haviam sido sempre extremamente próximos.

– Vá lá, mana, larga-me – pediu George, afastando-se do abraço apertado da irmã.

– Sou mais velha – Harri sorriu.

– És mais pequena! – Ele sorriu.

Assim, entre a manhã soalheira, a joia nova, o lauto pequeno-almoço, a decoração de bom gosto de Gloria, a sua ternura e bondade, a noiva ansiosa que era Harri e a necessidade de George de atenção, aquele momento poderia ser captado num quadro que representasse a imagem sentimental da vida de uma família perfeita. A única coisa que estragava a atmosfera no espírito de Harri eram as núpcias iminentes.

Mantém-te calma, Harri. Não estragues isto.

Mas, sem que ela soubesse, havia uma ameaça muito maior a pairar sobre aquela família ideal naquele dia ideal.

* * *

O vestido estava ligeiramente apertado e o estilo de penteado rebuscado que Mona lhe fizera dava-lhe alguma dor de cabeça, mas até Harri foi obrigada a admitir que ela conseguira um trabalho fantástico, apesar do dedo partido.

– O que aconteceu?

– Aconteceu o Desmond.

– Preciso de mais informação.

– Tive um filho que se transformou num adolescente que se tornou num verdadeiro idiota, que não se importa nada de deixar um *skate* no cimo da escadaria.

– Tiveste muita sorte em não teres partido o pescoço.

– Ele é que teve muita sorte em eu não ter partido o *dele!*

A sério, Harri, pensa bem antes de copulares.

Harri apreciava Mona. Gostava de se queixar da vida, mas fazia-o com verve agradável. George chamava-lhe a sua Lamúrias e ela parecia nunca se importar com isso.

– Uau, Lamúrias, falas do acasalamento de forma tão romântica! – disse ele, brincalhão, à porta.

– Diz-me que me vais deixar fazer qualquer coisa a esse cabelo – pediu Mona, bem versada em ignorar as gracinhas dele.

– Que mal tem ele?

– Nada, se tentas imitar um dândi.

– Bem, eu ia pelo visual do Hugh Grant, em *Quatro Casamentos e Um Funeral*. – Estava atrás dela, olhando-se ao espelho.

– Bem, então, querido, o visual foi perfeitamente conseguido.

– Lamúrias, és uma cabrinha, mas eu amo-te.

George soltou um suspiro e sentou-se a um canto da sala, a mesma onde Harri se encontrava no seu vestido de noiva, ligeiramente apertado, e com um penteado bonito mas que lhe provocava dor de cabeça.

Lá fora, Duncan tossiu, bateu à porta e entrou na sala com uma câmara.

– Oh, agora. O quê? – Duncan dizia frequentemente «o quê» fora de qualquer contexto, como se algum ser invisível lhe tivesse murmurado a observação ou pergunta ao ouvido. Na maioria das vezes fazia isso quando estava contente. – Fantástico. Fantástico! – Também se repetia muitas vezes, num tom que indicava um encanto infantil. – Céus, estás arrasadora. Ela não está arrasadora?

Duncan olhou em volta para George e para Mona, que sorriram e assentiram com a cabeça. Parecia que o vestido compensava no fator espanto o que lhe faltava em conforto, o seu esplendor conseguindo levar-lhe uma lágrima aos olhos por norma teimosamente secos. A fim de evitar uma emoção embaraçosa, George contou uma piada sugerindo que as lágrimas do pai tinham mais que ver com o custo do vestido do que com o aspeto visual. Afastado o momento embaraçoso, Duncan sorriu e, apesar da zombaria do comentário, o encontrão bem-humorado do gémeo de Harri demonstrava que o aspeto da irmã satisfazia as suas mais altas aspirações de dândi.

Melissa ligou. Mona passou o telefone a Harri avisando-a:

– Dois minutos.

– Olá, Melissa.

– Ainda connosco?

– Sim.

– Ótimo.

– Onde estás? – perguntou, confusa, ao ouvir o som de trânsito.

– Estou no parque de estacionamento da igreja, a mudar uma fralda.

– Já estás na igreja?

Conseguia ouvir o pânico no tom de voz de Harri.

– Para. Respira fundo. Estou só a ver se está tudo bem com as flores. Ainda tens uma hora.

– Está bem – respirou tão fundo quanto o vestido lho permitia.

– Jacob, entra no carro. Jacob, entra no carro. Jacob...

– Melissa?

– Desculpa. Entra na treta do carro!

Algum barulho e ela conseguiu ouvir Jacob a queixar-se de qualquer coisa sobre querer uma sandes do porta-bagagens.

– Tu guardas sandes no porta-bagagens?

– Sandes, iogurtes, fraldas, toalhas, triângulos de queijo, leite em pó, uma embalagem de seis *Caprisun*, plasticina, cuequinhas. Diz o que queres, que eu tenho de certeza.

– Sai do telefone! – pediu Mona.

– Tenho de sair do telefone.

– Está bem. Tudo irá correr bem.

– Eu sei.

– Oh, o James está cá.

O estômago de Harri deu uma reviravolta. James encontrava-se na igreja. Desligou.

Mona arrastou-a até à mesa de jantar junto à janela grande que dava para o banco da avó e deixava entrar bastante luz. Retirou um lápis dos olhos da bolsa abarrotada de segredos cosméticos.

– Estás bem? – perguntou.

– Estou – concordou Harri.

Mona empurrou-a para a cadeira.

– Olha para cima! – ordenou. Harri olhou para cima. – Tens a certeza de que estás bem? De repente empalideceste.

Harri mostrou-lhe o polegar dando sinal de aprovação, com medo de vomitar se falasse.

Duncan saíra para ir buscar Gloria ao Shoe World, em Sandycove, onde ela insistira em ir meia hora antes, quando a tira das sandálias novinhas em folha se partira.

– Raios, não acredito nisto! – gritara. – Estas sandálias custaram-me quinhentos euros!

– O quê? – rugira Duncan. – Quinhentos euros? Mas tu perdeste a cabeça, mulher?

Gloria não se apercebera de que ele se encontrava perto e não estava com disposição para uma guerra sobre preços.

– Querido, ambos sabemos que não devias ter ouvido isto, portanto, vamos fingir que nada ouviste.

Duncan resmungou qualquer coisa sobre os malditos quinhentos euros, mas conseguiu ver que o argumento dela era razoável e deixou passar. Sandycove era uma pequena cidade e eles viviam a dois passos, por isso foi levá-la lá e voltou a casa com tempo apenas para tirar algumas fotografias antes do telefonema para a ir buscar. Dirigiu-se ao carro resmungando com o custo de tudo e interrogando-se sobre quanto teriam custado aquelas novas malditas tiras de sandália.

Harri não estava com vontade de se mexer nem sentar nem beber nada, nem sequer de tomar o *Valium* que Mona lhe oferecera, explicando-lhe que operara maravilhas em Cliona, a filha da vizinha. Pelos vistos, Cliona sofria muitas vezes dos nervos, mas, segundo Mona, isso devia-se a ser uma menina mimada e ingrata que não dava nem metade do valor à mãe, nem mesmo ao pai, que muitas vezes cheirava a batata frita, um homem que construía um império de batatas fritas e um cavalheiro por alinhar com aquilo. George riu-se, apreciando a conversa de Mona. Harri fingiu estar interessada, mas, no seu íntimo, sentia-se entorpecida.

– Sentes-te mal? – perguntou George, do canto da sala onde se instalara confortavelmente na cadeira de baloiço antiga preferida da mãe.

– Um pouco – admitiu ela, visto não valer a pena mentir ao irmão.

– Vais ficar bem – disse Mona, aplicando uma segunda camada de batom vermelho-rubi. – Agora estala os lábios.

– E respira fundo! – instruiu George antes de voltar a ler um artigo sobre uma espécie nova de sapo do Sri Lanka. – Olha só para estes olhos vermelhos tão estranhos. Se os sapos matassem...

* * *

James, o noivo de Harri, gostava de sapos, achava-os necessários para um ecossistema equilibrado. Tinha uma estranha fixação por todos os anfíbios e répteis; onde a maior parte das pessoas via algo nojento, ele só encontrava deslumbramento.

– Sabias que quando as cobras atacam têm quase cem por cento de êxito? – mencionara ele, por acaso, no primeiro encontro.

– Não sabia – respondera ela, enquanto pensava que ele era doido e resolvera não pedir sobremesa.

Ele acreditava sobretudo que os répteis eram marginalizados.

– Quer dizer, que mal fizeram os lagartos a alguém?

Harri não respondeu, esperando que ele mudasse de assunto. Não mudou. Em vez disso, contou-lhe tudo sobre a sua cobra de estimação, *Ronnie*, que tivera durante quase três anos, quando o bicho morreu após os seus órgãos começaram a falhar. Culpara-se por não ter notado os sinais.

– Mas não parecia mesmo nada doente – dissera, abanando a cabeça, deixando Harri momentaneamente a pensar qual seria o aspeto de uma cobra doente. – Adorava aquela cobra.

Ele tinha uma rugazita amorosa mesmo acima do olho, que ela mais tarde percebeu que surgia quando estava preocupado ou sofria. James era arquiteto. Demonstrava um grande amor por tudo o que estivesse relacionado com construção. James não era apenas um empreiteiro – era um artista no que dizia respeito à paixão com que se entregava aos projetos e na sua busca pela perfeição. Controlava todas as fases de uma obra, desde as fundações até aos telhados, e, para ele, andar em redor da obra acabada dava-lhe uma sensação de júbilo semelhante à de uma estrela de *rock* a entrar no Estádio de Wembley para tocar para uma casa cheia. James era um construtor de uma geração diferente e, contudo, um acérrimo

defensor do ambiente, insistindo em trabalhar apenas em estruturas amigas do ambiente.

Haviam-se conhecido seis anos antes, devido a assuntos de trabalho. Ele construía uma casa e Harri e Susan Shannon, a sócia dela, decoravam-na. Nesse mesmo dia, Susan dissera que esperava que ele não fosse estúpido porque, se tivesse um QI decente, Harri deveria casar-se com ele. Harri rira-se, e não voltara a pensar no assunto. Susan tivera sempre um interesse entusiasta em ser casamenteira e fazia isso com qualquer pessoa que lho permitisse. Dizia que era uma substituição do sexo. Achava que existia química entre Harri e James e ficou muito contente quando, passadas semanas desse encontro, lhe deram provas de que tinha razão.

Susan acabara de fazer quarenta e seis anos e para presente de aniversário o marido comprara-lhe uma mangueira de jardim. Fora cara, com muitas aplicações que davam jeito, e suficientemente poderosa tanto para lavar um pátio empedrado como para borrifar as plantas, mas, mesmo assim, só lhe apetecera empurrá-la pela garganta do marido abaixo.

– O James nunca te compraria uma mangueira – disse Harri, e tinha razão, ele não o faria. Contudo, mencionou que ele lhe comprara um cortador de madeira, depois de ter visto uma notícia sobre uma fraude de identidade.

Susan abanou a cabeça e suspirou.

– O que terá acontecido ao romance?

– Acho que foi vítima do feminismo.

– A pergunta foi de mera retórica e tu pensas demasiado.

Tinha razão. De facto, Harri pensava de mais. Refletir demasiado era provavelmente o seu maior problema.

De qualquer modo, dois dias depois de Susan ter feito a sua pequena observação sobre James ser um bom partido, ele pedira a Harri que saísse com ele.

Apesar de o primeiro encontro ter começado de forma algo estranha, no final da noite, sentados no exterior do apartamento

da cidade portuária de Dun Laoghaire, que ela partilhava com uma bailarina de dança contemporânea de olhos azuis chamada Tina Tingle, a noite melhorou consideravelmente.

O carro parou. Ela levou de imediato a mão ao puxador indicando que ia sair sem mais demoras.

– Desculpa – dissera ele –, estou um pouco com falta de prática.

– Não faz mal. – Harri corou, embaraçada com a franqueza dele.

– Onde é que te desconcertei? – perguntou ele, sorrindo ligeiramente.

– Com a tua descrição aprofundada da textura das escamas da *Ronnie*.

Ele desatou a rir e acenou, concordando.

– Estava nervoso. Só digo disparates quando estou nervoso.

Harri sorriu.

– O meu irmão faz o mesmo. Depois do funeral da minha avó, falou sobre a sujidade do umbigo uma hora inteira.

Durante um momento fez-se silêncio e James reparou que Harri já não agarrava no puxador da porta.

– Então, estás com falta de prática? – indagou Harri, coçando a parte de trás do pescoço e olhando para o para-brisas, mas, pelo canto do olho, conseguia vê-lo a franzir a testa, e as rugazinhas em redor dos olhos denotavam um sorriso.

– Já faz algum tempo.

– Oh! – exclamou ela, acenando com a cabeça. – E algum tempo é quanto? – Tentou dar um tom despreocupado à voz.

Ele riu-se.

– Não estás atrás da porta, pois não?

– Normalmente estou – admitiu ela. – Normalmente estou atrás da porta, ao fundo do corredor e na despensa à esquerda.

James riu-se. Tinha um riso maroto.

– Então? – provocou ela. *Nem consigo acreditar que estou a ser tão insistente.*

– Dois anos.

– Posso perguntar?

– Ficámos juntos durante quatro anos e depois ela adoeceu.

– Oh, meu Deus! Perdoa-me. Fui demasiado intrometida.

– Não, não faz mal. Levou algum tempo, mas ela melhorou. – Ele riu-se, um riso curto, com um tom de amargura. – Ela melhorou e decidiu que preferia um género de vida diferente, por isso destroçou-me o coração e foi viver para a Austrália, onde acredito que se casou com um surfista seis meses depois.

– Pois.

Harri estava arrependidíssima por ter começado a fazer perguntas. Normalmente não se interessava pela vida de estranhos.

– Sinto-me tão mal...

– Porquê? – Ele voltara a sorrir.

– Sinto-me, pronto. – Suspirou, encolhendo os ombros.

Harri não se metia na vida dos que não lhe eram próximos porque as histórias tristes a afetavam imenso. Levava-as consigo e revivia-as quando se encontrava sozinha. A tristeza apavorava-a e não precisava de ser a dela.

– Então e tu? – perguntou James, aligeirando o tom e reparando que Harri não só retirara a mão do puxador como virara os joelhos para os dele.

– Andei com um carpinteiro chamado Simon quase um ano. Separámo-nos há cerca de seis meses. Não foi por nada em especial, simplesmente não nos demos bem.

– E antes do Simon?

– Uma coisa na universidade. Ian Grace. Era estudante de engenharia. Namorámos mais de três anos.

– No Trinity College?

– Na Universidade de Dublin.

– O que vos aconteceu?

– Ele aceitou um emprego na Arábia Saudita. Eu não gosto lá muito de sol.

– Harri?

– Sim.

– Se eu prometer não dizer disparates, aceitas encontrar-te comigo novamente?

– Sim.

– Ainda bem – respondeu ele, acenando com a cabeça para si próprio. – Harri?

– Sim?

– Importar-te-ias muito se te beijasse? Não me importo se disseres que não.

– Não.

– Oh, bolas!

– Só estava a brincar! – Ela riu-se, e foi tudo.

Encaixaram um no outro.

Eram ambos grandes trabalhadores, gostavam de ler, nenhum se interessava em especial por música nem televisão, preferindo uma sala silenciosa como sítio para conversar. Gostavam de conversar, de cozinhar e de rir. James tinha piada, não num sentido convencional de comediante nato, mas acabava sempre por fazer Harri rir.

– Truz, truz?

– Não.

– Ah, vá lá. Truz, truz?

– James.

– Truz, truz?

– Valha-me Deus, quem é?

– Gorila.

– Gorila quê?

– Gorila-me uma sandes de queijo.

Sabem quando alguém nos diz uma piada tão profundamente estúpida e sem graça e tudo o que podemos fazer é rir

do ridículo disso? Bem, Harri ria-se e ele batia palmas, encantado com a sua hilaridade.

– Há qualquer coisa de errado contigo.

– Sim, há! Estou com fome, por isso gorila-me uma sandes de queijo.

– Oh, meu Deus, não arrastes a coisa!

– Tu adoras as minhas piadas.

No fundo, ela não adorava, mas amava-o.

* * *

Encontrava-se perdida em si mesma, a olhar para lá do banco da avó, para uma rua ladeada de árvores floridas de branco anunciando a primavera e a mudança de estação. Foi algures num lugar para lá das flores brancas que o terrível sentimento surgiu como uma grande onda que tudo varre. O terror ergueu-se dentro de si e ameaçou engolir não só Harri mas o quarto inteiro. Tinha a cabeça num rodopio estonteante. Subitamente, tudo lhe parecia errado. Sentia-se como que a afogar-se no quarto, agora desfocado. Tudo em si lhe gritava que algo estava fora do lugar. *Oh, não, outra vez, não!* Uma ideia insana e asfíxiante passou-lhe pelo espírito enlouquecido, dizendo-lhe que não pertencia ali. Já estivera assim antes. Sentia as mãos a ficar pegajosas e, dentro de segundos o palpitar do coração aumentou, mais um pouco e pareceu saltar no fundo no peito. *Respira fundo, Harri. Tal como disse o George.* As mãos pegajosas quase tremiam, apesar de a sua temperatura aumentar a um ritmo alarmante. *Acalma-te, Harri. Não sejas parva, por favor.* Sabia que a qualquer momento poderia começar a sentir-se tonta e então ficaria completamente desligada do mundo. *A mãe vai dar cabo de mim.* Na altura em que ia chamar alguém, já com a respiração entrecortada, levou as mãos pegajosas à garganta assinalando que estava com falta de ar.

Mona foi a primeira a aperceber-se.

– Oh, céus, de novo naquele estado! George, chama uma ambulância antes que ela fique azul à nossa frente.

1 de maio de 1975 – quinta-feira

A minha mãe esteve outra vez a chorar na noite passada. Ouvi-o entrar. Chamou-a aos gritos: «Deirdre, Deirdre, Deirdre!» Um dia ainda lhe gasta o nome. Ouvi-o bater à porta do quarto dela. Ela deve tê-la fechado. «Deirdre, abre a porta, minha grande cabra!» «Não abro!», respondeu a minha mãe. Acreditam que ela lhe respondeu quando ele lhe chamou grande cabra? Mas o que se passa com a minha mãe? Pelo menos fechou a porta. Eu também tranquei a minha. Ele é um monstro. Odeio-o. Saiu furioso, aos berros, gritando que voltaria, e desceu a rua a praguejar tão alto que a Abelhuda da Crowley, do número 7, ouviu. Vi a cortina dela estremecer enquanto ele passou pela casa, insultando tudo e todos. Bem se percebia que estava encantada, isso dar-lhe-ia que tagarelar, à velha abelhuda.

Às vezes fico acordada e pergunto-me por que razão se terá ela casado com ele? Amá-lo-ia mesmo, ou ter-se-á sentido apenas sozinha depois da morte do meu pai? Pensei que éramos felizes. De facto, sei que éramos felizes, isto é, até ele ter chegado. Ela apressou-o, pelo menos foi o que ouvi a Abelhuda Crowley dizer na farmácia, quando estava escondida atrás das estantes e ela falava com Mrs. Stephens sobre a última vez que ele saía da nossa casa a praguejar. A Abelhuda chamou-lhe estúpida e, para ser justa para com a Abelhuda, não está enganada. A minha mãe é uma mulher estúpida. Eu nunca serei tão estúpida que me apaixone por um homem horrível como ele e nunca me hei de casar.

A escola é um pesadelo, mal consigo esperar pelas férias. Não sei o que irei fazer, ele diz que terei de arranjar um

trabalho. Talvez arranje, mas não por causa dele. Dentro de duas semanas farei quinze anos. A mãe disse que poderia ter um frasco de *Charlie* e uma cassete dos Bay City Rollers. Espero que sim. Espero que ele não derreta o dinheiro todo em bebida. Adoro o cheiro de *Charlie*.

Daqui a um ano vou-me embora daqui. Mal posso esperar. Cada dia parece um ano e alguns dias parecem ter dez anos. A Sheila diz que vai para um banco. Na semana passada queria ser cabeleireira e há um mês professora. Não sei o que quero ser. Só sei que quero estar em qualquer outro sítio menos em Wicklow.

Vi novamente aquele médico — ele estava a pescar nas rochas. Parece da minha idade, talvez um ano ou dois mais velho. Com esforço, dou-lhe dezanove anos. A Sheila diz que ele deve ter pelo menos vinte e cinco. Não parece. Tem sempre um ar triste mesmo quando sorri. Também é tímido. Deve ser difícil para ele estar numa cidade nova. Eu detestaria ser médica, as pessoas são nojentas. De onde será ele?

Na noite passada tive um sonho. Sonhei que me encontrava num barco que estava sempre a voltar à costa. Quando se fazia ao mar era puxado de volta. Isso assustava-me. Estou obcecada. A Sheila diz que me obceco com as coisas. Ela acha que me deveria descontraír e gozar a vida. Para ela é fácil dizer isso — não vive com um bêbedo —, de facto, o pai dela até enriquece servindo bebida a todos os bêbedos da cidade. Ela nunca teve de se esconder no quarto. Senta-se ao pé do pai, a ver a série cómica *Morecambe & Wise* num televisor a cores, por isso, para ela é fácil descontraír-se e gozar a vida. Tenho saudades da Sheila. Quem me dera que não andasse com aquele Dave. Mas o que tem o Dave de especial? Tem uma treta de permanente à Kevin Keegan. A Sheila acha que ele é fixe, mas não é, não é mesmo. Cheira à loção de barba *Brut* do pai e está sempre a meter as mãos no corpo dela. Ontem não parava de a deitar abaixo a tentar ser engraçado, o que não é.

Apeteceu-me dar-lhe um soco a valer. A mãe diz que às vezes fico cá com um olhar ameaçador, e isso assusta-a.

Já passa das dez e estou cansada. Ele ainda está no *pub*. Se adormecer já, talvez não o ouça. Primeiro tenho de fechar a porta à chave. O pai da Sheila diz que nunca se deve fechar à chave a porta de um quarto, não vá haver algum incêndio. Não é de um incêndio que tenho medo. Antes preferia arder.

Acabei de decidir que amanhã irei procurar um emprego para o verão, qualquer coisa que me tire desta casa. Dá-me vontade de rir. Ele diz que tenho de arranjar emprego, ao passo que ele fica sentado no *pub* ou encostado à parede do banco com os amigalhaços, o dia inteiro, todos os dias. A mãe vai dando desculpas, diz que os estivadores só podem trabalhar quando os navios chegam ao porto, mas o pai da Anita Shea é estivador e pinta casas ou põe papel de parede também e o pai do Tim Healy faz turnos no bar Pole, em vez de se sentar à frente deste a beber todo o dinheiro que ganha por dois dias de trabalho em duas horas. De qualquer maneira, não me importo com isso. Ele pode fazer o que lhe apetecer. Vou-me embora daqui. Um ano pode parecer que dura sempre ou que dura um dia. O meu pai costumava dizer isso. Acho que amanhã me vou sentar junto dele um bocadinho. Talvez limpe a lápide. Os pássaros parecem achar que aquilo é uma casa de banho, e é engraçado porque a Rita Heneghan está mesmo atrás dele e a lápide dela está sempre imaculada e nunca vi ninguém a visitá-la. Uma vez, um pássaro até fez a porcaria quando eu lá estava sentada! Penso que o meu pai acharia isso engraçado. Costumava rir-se muito. Tenho tantas saudades do riso dele! Quem me dera que estivesse aqui, mas não está, por isso de que me serve desejar isso? Ele partiu. Que vá para o raio que o parta por isso.

Oh, e já agora, para que nunca me esqueça, hoje, na floresta, ouvi a primavera. Ouvi-a mesmo, nas árvores e na brisa

que soprava e nos cães a ladrar, e o céu estava tão azul, tão azul e a erva de um verde tão viçoso. Encostei-me a uma árvore e inspirei fundo o ar fresco. Um dia, ainda vou sentir saudade deste bosque.

